



20º WGT – Workshop em Gramática & Texto

NOVA FCSH 27 de novembro de 2020

Voltar a falar em Gramática & Texto

RESUMOS

O conceito de género em diversos enquadramentos teóricos

Paulo Nunes da Silva

Nas últimas décadas, o conceito de género ganhou, em diversas áreas da Linguística e em Didática das Línguas, uma centralidade e uma relevância acrescidas. Trata-se de um conceito geralmente definido e caracterizado de forma mais ou menos consensual, dado que, em diferentes áreas disciplinares e em diversos modelos teóricos, são adotados critérios semelhantes (múltiplos e de natureza heterogénea; Adam 2001; Maingueneau 2014) e estão previstas classes idênticas (como romance, notícia, tese de doutoramento, etc.).

Porém, no caso específico da Linguística Sistémico-Funcional (Rose & Martin 2012), a conceção evidencia diferenças assinaláveis; nesta perspetiva, e em comparação com outras áreas, o conceito de género remete para categorias bem distintas e, frequentemente, não para textos completos, mas para partes ou segmentos de textos.

Assim, a comunicação tem como objetivo refletir sobre a conceção de género inerente a diversos enquadramentos teóricos que se dedicam à análise do texto, procurando explicitar as suas principais propostas. Serão abordadas as seguintes teorizações: Perspetiva Sócio-histórica e Dialógica (Bakhtin 1986), Linguística Sistémico-Funcional (Rose & Martin 2012), Linguística Textual/Análise Textual dos Discursos (Adam 2001 2008), Análise do Discurso (Maingueneau 2014) e Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 1997). A exposição incide, em especial, nos critérios que permitem estabelecer a(s) classificação(ões) em géneros, segundo os diversos quadros teóricos, e na indicação de categorias genéricas previstas em cada um dos modelos.

Referências

- Adam, J.-M. (2001). En finir avec les types de textes. In Ballabriga, M. (ed.) *Analyse des discours. Types et genres: communication et interpretation* (pp. 25-43). Toulouse: EUS.
- Adam, J.-M. (2008). *La linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armand Colin.
- Bakhtin, M. (1986 ^[1952-1953]). The problem of speech genres. *Speech genres & other late essays* (pp. 60-102). Austin, Texas: University of Texas Press.
- Bronckart, J.-P. (1997). *Activité langagière, textes et discours*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Maingueneau, D. (2014). *Discours et analyse du discours*. Paris: Armand Colin.
- Miranda, F. (2010) *Textos e géneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: FCG/FCT.
- Rose, D. & Martin, J. R. (2012). *Learning to write/Reading to learn. Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. Sheffield/Bristol: Equinox Publishing Ltd.

“Como é óbvio, só um linguista nos pode ajudar”: crítica política com humor, entre gramática & texto

Carla Teixeira | Teresa Oliveira

Na sociedade portuguesa, o humor está presente em diversos órgãos mediáticos, da televisão à rádio, da imprensa ao ciberespaço. No presente, os humoristas fazem cada mais do seu *métier*, além de um espaço de reflexão sobre a atualidade, momentos de crítica política.

Assumindo o desafio de demonstrar possibilidades de cruzar as áreas de eleição do Gramática & Texto, neste trabalho, pretendemos: 1) desconstruir a mensagem global de uma crónica de humor sobre política, enquadrando esta abordagem no âmbito da linguística do texto e da semântica da enunciação; 2) observar a progressão do conteúdo temático que se desenvolve em função da reflexão sobre o uso da linguagem, e em vários planos de análise linguística, para compor a crítica política.

Com estes propósitos em mente, apropriamo-nos da noção de “jogos da linguagem” de Wittengstein (1992) para identificar e descrever as manipulações de itens lexicais presentes no texto. Deste modo, reconhecemos que a capacidade reflexiva da linguagem é um processo configurador do humor no referido género textual e um parâmetro de definição do género textual (Miranda 2010). Finalmente, atendemos aos escopos maiores dos princípios teórico-epistemológicos nos quais nos revemos: no âmbito do interacionismo sociodiscursivo, a dimensão gnosiológica da linguagem inscreve o produtor textual como fundador da atorialidade do sujeito que intervém na sociedade; no contexto da semântica da enunciação, a análise linguística das formas e das construções revela as operações predicativas e enunciativas subjacentes à construção da significação no texto (cf. Oliveira 2013).

Esta abordagem do humor mostra como a capacidade de o sujeito refletir sobre a realidade lhe permite criar uma metalinguagem que legitima o seu ponto de vista, ainda que esta metalinguagem se renove a cada texto.

Referências

- Miranda, F. (2010). Textos e géneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização. Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Oliveira, T. (2013). «E esta sou eu»: O papel dos sujeitos na construção do texto. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies*, n.º 8, pp. 187-194.
- Wittengstein, L. (1992). *O Livro Castanho*. Edições 70.

Prescritivismo e autenticidade textual: noções em revisão

Ana Sousa Martins

A oposição prescritivismo-descriativismo toma como foco unidades ou estruturas lexicais e gramaticais, para além de aspetos de ordem meramente gráfica, raramente incidindo sobre a dimensão textual. Acresce que a aprovação ou condenação de uma manifestação linguística são ações epistemologicamente alheias ao investigador.

No entanto, no âmbito da linguística aplicada ao ensino, e particularmente no que toca à análise, seleção ou produção de textos para a prática de leitura em L2, há uma noção concorrente a ter em linha de conta: a noção de autenticidade.

Nesta apresentação, ponderaremos a viabilidade de tornar operativa a noção de prescritivismo incidente já não sobre segmentos linguísticos unitários mas sobre práticas de composição textual, ao mesmo tempo que mostraremos como o julgamento de autenticidade nem sempre é consonante com o grau de afastamento expectável relativamente a construções textuais standard.

A discussão dos dados apurados a partir de questionário a 50 informantes sustentará a pertinência da reflexão avançada.

Referências

- Allan, R. (2009). Can a graded reader provide “authentic” input?, *ELT Journal*, 63(1): 23-32.
- Beal, J. C. (2018). 'Back to the future': The 'new prescriptivism' in twenty-first-century Britain. *E-rea*, 15(2). URL: <http://journals.openedition.org/erea/6112>. Acedido a 16 de outubro 2020.
- Crossley, S.A., Louwse, M., McCarthy, P.M. & McNamara, D.S. (2007). A linguistic analysis of simplified and authentic texts, *Modern Language Journal*, 91: 15-30.
- Heffer, S. (2010). *Strictly English: the Correct Way to Write and Why it Matters*. London: Random House.
- Waterman, T. (2017). How do writers evaluate potentially usable authentic materials. In A. Maley & B. Tomlinson (Eds.), *Authenticity in Materials Development for Language Learning* (pp. 101-118). Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.

A contribuição da fonética, fonologia e variação no ensino fundamental para a língua portuguesa do Brasil

Alvanira Lúcia Barros

Este texto tem como finalidade descrever as contribuições dos estudos da Fonética, Fonologia e Variação para o ensino na fase inicial escolar, em escolas públicas brasileiras. Os dados compreendem o desempenho de alunos em relação às habilidades relacionadas aos diferentes níveis de consciência fonológica, trabalhadas de forma interligada à leitura e à escrita (Barros; Caxias; Bernardelli, 2017; Caxias, 2015; Bernardelli, 2015). O embasamento teórico compreende Alves (2009), Bortoni-Ricardo (2011), Bortoni-Ricardo et al. (2012), Cagliari (2009), Capovilla & Capovilla (2010-2011), Mollica (2003), Morais (2012), Lemle (1991), PNAIC (BRASIL, 2012-2013), Santos (2011), entre outros. Os resultados apontam que o avanço do processo de reflexão e manipulação dos constituintes sonoros da língua são fatores essenciais para a aquisição da língua escrita em consonância com hábitos pontuais de acompanhamento das necessidades dos alunos, em especial, no tocante ao uso da linguagem oral e escrita dos alunos em referência. Além disso, relevante é a compreensão, por parte dos professores, dos embasamentos Fonéticos, Fonológicos e de Variação Linguística relacionados à aquisição das modalidades da Língua Portuguesa do Brasil.

Algumas demarcações e interseções em morfologia

Maria do Céu Caetano

Em morfologia, quase toda a literatura de referência aborda desde há algum tempo a demarcação entre flexão e derivação, entre compostos e estruturas sintáticas e entre composição e derivação. Por se considerar que, longe de estarem esgotados, os argumentos relativos a esta questão precisam de continuar a ser debatidos, esta breve apresentação ao WGT20 incidirá sobre o último dos tópicos apontados. Assim, a partir dos critérios de distinção entre composição e derivação adotados nas gramáticas tradicionais, passando pelos modelos estruturalista e generativista, procurar-se-á discutir até que ponto as diferenças comumente avançadas são suficientes para manter a composição e a derivação em níveis distintos (cf., por exemplo, Anderson 1992), ou se, tal como proposto por, entre outros, Booij (2010), o tratamento de ambas pode ser realizado de modo unificador, tanto no que diz respeito à análise como à teorização, sob a etiqueta 'construção'.

Referências

- Anderson, S. (1992). *A-morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Booij, G. (2010). *Constructional Morphology*. Oxford: Oxford University Press.

Formas de *sedere* em cantigas do século XIII

Maria Ribeiro

Com base no trabalho elaborado no âmbito da Dissertação de Mestrado (Ribeiro 2018), nesta apresentação pretende-se apresentar alguns dados relativamente às ocorrências de formas de *ser* (mais especificamente, relativamente às ocorrências de formas de *sedere*) em cantigas do século XIII.

O que motivou o estudo destas formas foi a constatação de que em Português Medieval formas de *ser* (tanto formas derivadas de *sedere* ‘estar sentado’, como de *esse* ‘ser’) ocorriam em contextos em que atualmente apenas se admitiria o verbo *estar*. Não obstante, nos casos em que coexistiam formas derivadas *esse* e de *sedere* para marcar a mesma pessoa e número do mesmo tempo verbal, as formas de *esse* nunca ocorriam com o sentido de “estar” (cf. Brocardo 2011 e 2014 e Mattos & Silva 2002).

Assim, procedeu-se ao estudo das formas de *sedere* que viriam a cair em desuso, sendo substituídas pelas formas de *esse*, nas cantigas de escárnio e maldizer, cantigas de amor e cantigas de amigo datadas ou datáveis do século XIII (de acordo com a datação constante no CIPM) e, também, nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X (1264-1284). Acerca destes textos Teyssier (1982: 21) afirma o seguinte:

«Estas compilações [...] são escritas numa língua complexa, que tem por base os falares da Galícia e do Norte de Portugal. Nela se documentam arcaísmos notáveis, a atestarem que, para o seu público, esta literatura tinha passado. Os autores são tanto galegos como portugueses. Entre eles encontram-se até leoneses e castelhanos. O galego-português, em suma, aparece nessa época como a língua exclusiva da poesia lírica».

Nesta apresentação pretende-se, em específico, apresentar alguns aspetos em que o género textual parece influenciar ou favorecer a ocorrência de determinadas formas ou de determinados valores associados a essas formas.

Referências

- Brocardo, M. T. (2011). *Sedia la fremosa...* Uma proposta de estudo diacrónico de *ser* (< *sedere* e *esse*) e *estar* em português. In: *Cadernos WGT – Ser & Estar*, Lisboa: FCSH-CLUNL.
- Brocardo, M. T. (2014). Construções com *ser*, *estar*, *jazer* na história do português: notas em torno de inovação, persistência e obsolescência. In: García, L.; Viñas, X. (ed.). *Língua, texto, diacronia*. Estudos de linguística histórica. Revista Galega de Filoloxía. Monografía 9.

- Mattos e Silva, R. V. (2002a). A variação *ser/estar* e *haver/ter* nas *Cartas de D. João III* entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros. In: Mattos & Silva, R. V., Filho, A. (org.). *O Português Quinhentista. Estudos Linguísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS.
- Mattos e Silva, R. V. (2002b). A definição da oposição entre *ser/estar* em estruturas atributivas nos meados do século XVI. In: Mattos & Silva, R. V., Filho, A. (org.). *O Português Quinhentista. Estudos Linguísticos*. Salvador: EDUFBA/UEFS.
- Ribeiro, M. (2018). "O hibridismo de "ser" e a oposição semântica entre "ser" e "estar" em português medieval". Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. <http://hdl.handle.net/10362/31565>
- Teyssier, P. (1982). *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.

À volta de [um]A Taça de Chá

Clara Nunes Correia | Helena Isabel Alzamora | Teresa Oliveira

Neste trabalho propomo-nos discutir os mecanismos referenciais, temporais e aspetuais que permitem diferentes leituras de sequências linguísticas que podem ocorrer num determinado texto.

A partir das propostas da Teoria Formal Enunciativa (TFE), tentaremos mostrar de que modo os diferentes valores das formas linguísticas e das construções gramaticais presentes no texto de onde partimos decorrem das propriedades das configurações em que ocorrem, desencadeando localizações e determinações de natureza diversa.

Em termos gerais, mostraremos que saber responder a perguntas que incidem sobre os sujeitos e os tempos de parâmetros enunciativos diferentes pode permitir descrever e estabilizar (explicar?) os valores das diferentes categorias gramaticais que se manifestam nas línguas naturais.

Referências

- Culioli, A. (1990). *Pour une linguistique de l'énonciation*. Tome 1. Paris: Ophrys.
Culioli, A. (1995). *Cognition and representation in linguistic theory*. Amsterdam / Philadelphia. John Benjamins Pub.